

A ILLUSTRAÇÃO

DIRETOR PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

N.º 10. — VOLUME VI.

PARIS 5 D'OUTUBRO DE 1889.

Descripto por Escriptor : Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO



UMA VIAGEM A TORRE EIFFEL. — No PRIMEIRO ANDAR, AO PÉ DO ELEVADOR.

A grande abundância de gravuras obriga-nos a retirar à ultima hora a CHRONICA do nosso director Mariano Pinto, que cede gostosamente este lugar ao seu brilhante colaborador GIESSE.



A TRAVÉZ DE PARÍS

¹⁴ Constante por über! Depois da vitória de Little Rock, ainda sentia vivo mais portentoso espetáculo, Bonaparte bando por um numero infinito de cidadãos Chincholle, o bestialista boulanista, reduzido à miséria! A república garantida por mais cinco annos ainda, como os religiosos Waterbury, que triunfaram! Eram todos vós.

Não, realmente, mais cinco anos de república, é um pouco forte! Vae-se matar de tédio, crêam. Que parte ~~dele~~ da parte não aguentam. D'auí a seis meses, o mais tardar, pego o meu sobretudo, como num drama à la sur. *Quel est* **cinco **anos** **mais** **dé** **savoir** Carnot, cinco anos de Thévenet, cinco anos de Beaurepaire, sem ao menos o **recurso** **à** **alternativa** **cellular**! Mas Paris vai transformar-se n'uma im-**

Nós outros, os exóticos, somos bem ingênuos. A chama de 19 de setembro ~~apareceu-nos~~ flamejante e formidável é era com um certo terror que viamos aproximar-se ~~da~~ tremendo dia da ~~luta~~, ~~bochecha~~ oportunidade. Alguns dos nossos compatriotas habitantes ~~as~~ paixões furiosas e terramotoas que sacodem em dias de eleição, ~~o~~ Gonçalo de Basto e Arganil ficaram em casa com medo de bermaria. Outros, os belicosos, sahiram logo de manhã a procurar-a, a bermaria. Em vez de bermaria, encontraram um Paris mais calmo, mais indiferente do que nos dias ordinários. Menos carros nas ruas, um certo redemoinho em torno das ~~mairies~~, mas em silêncio, como se lá dentro estivesse um morto. E estava. Era um assassinado, o suffragio universal, espiado e mordido por Constante.

Assim se passou o tremendo dia, que a final foi um dia idiota. Podendo ser como uma data celebre, um 4 de setembro, um 16 de maio, o imbecil preferiu permanecer na tuba anonymous do Telenario. Nada mudado, a vitória absoluta do statu quo, isto é, a vitória dos palavrões, dos demônios, dos pagodes de tribuna e a continuação do espetáculo galáctico em que este país se debate desde as outras eleições.

Na exposição, os dias sucedentes parecendo se levemente uns com os outros. Na nos arres como que um vago esmorecimento. Sente-se a approximação do fim, e daí resulta uma yaga melancolia. Deante do grande zimbório central, resplandecente, como uma thiara, deante das magnificas portas das galerias, sob a aquilina curva de ferro do palcio das machines, encontram-se grilos, ascendendo a cabeça, e exclamando tristemente: Que pena! E faz realmente pena pensar que de toda esta magnifica floresta de obras primas e de obras grandiosas, não ficarei em breve senão uma recordação, ad cada vez mais evanescente, o que se apague de todo. Este sentimento já se traduziu n'um pedido feito ao sr. Alphand para que a Exposição fosse prorrogada até o fim de novembro. A resposta do sr. Alphand foi-magmatica "Sem Ela é necessario, disse ele, que a Exposição morra em plena gloria e em pleno esplendor".

der, tento a doçura-lhe a agonia o último raio de sol. Mais um mês de existência, e seria a morte afrontosa sob as batidas de agua, no enxurro, na lama. A Exposição fecharia em fine de outubro, como nasceu, explodindo, deixando intacto o seu deslumbramento.

Apressae-vos a gozar, portanto, o meus amados concidadãos. Eis os palacios, eis as galerias, eis os bellos quadros, as bellos entatus, as bellass mulheres. Rai, correi, refocilete-vos! D'aqui a um mez Celorico vos espera.

Como se quisesse confirmar as palavras do sr. Alphonse, setembro tem-nos dado as mais belas manhãs de outono que é possível imaginar. Um friozinho esti molante correundo sobre a pele, convidado ao movimento, aos longos passeios nas avenidas do Bois, sob os arvores mansas, sobre a

espécie de hatito da relva, enthaia o ar. Os lagos
brilham foscamente, como poças de hidrargiro.
De vez em quando, d'uma avesinha, rompe como
uma corsa, uma amazona, diroita na sella, a saia
collante sobre a coxa nervosa, o chapéu desbandado
de plumas, sucessor do odioso chapau alto, leve-
mente inclinado sobre a orelha. A trinta passos,
um lacrimo de farda escura, apertado na cinta com
uma corrente de couro, segue-a respeitosamente, ao
trote d'um pur sang, até se perdarem os dois n'al-
guma outra vereda silenciosa. E' essa a hora divina
do Bosque, e não a das ignobil desfildas das 5 ho-
ras, feita de tipóias de prayá e de lantanas de re-
mises, d'onde emergem cabeças medonhas de rusti-
gaúches, cor de chocolate, ou faces vidradas de ve-
lhos cocotes, escorrondo alvaiate e pé de arroz. A
notu aristocrática é fornecida por Buffalo Bill, cu-
ja melena niagarastra sobre as costas e espaldanças
jóias lustrosas de pomada, sól o chapéu de fel-
tre branco, dos vaqueiros dos pantais, largo como
um queijo gruyère. Ele no que vem a dar a famo-
sa volta no lago, que cumila nas províncias faz deli-
cias retrospectivamente o coração das velhos leões
anestesiados.

Mon cher Pivell morreu. Viva o seu, Georges Boyer, seu sucessor legítimo. E' esparto, o que o Figaro consente de colaboradores. Quem entra n'aquele forjão renuncia ipso facto ás mais legítimas esperanças de longevidade. O mestre, pega nos homens, exprime os num abrigo a fechar de olhos, ou abre-lhes o suco até a ultima gotea, quando os ve mirrados e secos, deixando resvalar no hospital, ou no tumba. Racet, Ignotti, Stull, Pivell, mais recente e lugubrissima série. Wolfe resiste ainda, mas

O cargo d'«crier» não era positivamente um gênio, mas sim o talento do seu mestre e isto explica a sua fortuna. Tomara absolutamente a serio o seu papel de noticiário de bastidores e com tanta consciência e tanta gravidade em anunciar que Wissnerki, fazia em um acto, se representava a vez na Scala em tal dia, como qualquer em comunicar o resultado de entrevista do Senhor Herbert de Bismarck com Lord Salisbury. A Prevel veio a importância espancota e acotovelhadora que os cabestões assumiu na sociedade moderna.

Preval stenographando os mais recônditos, es-
pirrodeando entre Sully e as intimas actas de Sarah
Bernhardt, desenvolou eu no publico a insólita cu-
risidade da vida e gestas do personagem dubio
que Mirbeau *figueiro* num artigo celebre. Neste
gênero de reportagem, Preval era admirável. Ha-
vendo intereis de comediantes que se podem seguir
nos seus *Echos* deslo os abfações matinais ate o
descolpo do passado nocturno. E personando a
collegio de *Figaro* poder-se-hia fazer a estatística
interessantissima — e que as nações esperam —
das caducilheiras perdidas n'estes últimos 25 annos
nas actrizes parisienses, com os signos do bicho,
eu nome e prenadas, e alvorizes prometidas a
quem o achar. Sabitho isto nos parece estranho
panegyrico que o *Figaro* lhe consagrav e no
alto sete estu phrase apparenemente enorme:

• A integridade, inflexível e serena(), era o fundo
este carácter honesto e recto ».

Não sei se no tumulo do snr. de Baurepaire, procurador geral, se podera gravar esta sentença parecendo inventada por um fabricante de epitaphios, para os jazigos da alta magistratura. A integridade é sempre a influencia do Declarado.

tribuições de peças e de caniches perdidos, não salta desde logo aos olhos.

Mas no fundo a coisa exibia. Prêvel era integral, inflexível e sereno. Sereno sobretudo. Era um lago de serenidade. E nunca, nem sequem, anunciamos a primazia da Teoria para tal dia e a tantas horas se mostrou mais inflexível. Quanto à integralidade, essa (ham!) é um pouco mais difícil! (ham! ham!) de explicar. Mas que diacho, podesse ser integral com qualquer coisa. Era justamente desse forma que Prêvel era integral. **INTEGRAL.**

A phrase soberba do Figaro fica entretanto, como um documento curioso do desvio das ideias e do falseamento dos vocabulários n'este fim de seculo.

Nada de novo nos teatros — visto que a primavera da *Familia Beethoven* não pode aspirar aos lares de novidade. Uma bela noite no *Cíbar Noit*, em compensação. No palco sombriothis da *Rodila* à noite dos tempos ou o *Elviro do rejuvenescimento*, um choro desolante e systêmico. Brown Segundo, com fugas vertiginosas d'um sábio, o ilustre Cambrenses, através das ilhas; combates de megarheumes e de mastodontes, no passado, choques de bálcãos dirigíveis nos séculos por vir, um endinabráfa fantasia que assaria delícias se não fosse um poucoinhinho confusa. Na orquestra, canções de Mac-Nab o cancionista famoso, que nos disse com a sua tripla voz cecília a *Expedição*, uma obra prima que devia estar nos pianos de todas as meninas da baixa, dada a vocação das referidas meninas para o culto da gaiaturada lisboeta; de Victor Melny, de *Hruszorofski*, versos soberbos d'um poeta breton cujo nome me não ocorre, mas que tem a chama, d'indio do horizonte; poemas macabros d'uma legião de jovens poetas despercebidos, mas cheios de vida e inspiração juvenil.

Nu planteia, um bando de compatriotas ilustres, (após) Bordalho, Fernando Caldeira, Mariano Tina, Moura Cabral, Eugénio de Castro, Manuel Gustavo Bordalho Pinheiro, entusiasmados, emigraram com essa enebriante atmosfera de tais S. Paulo.
www.suaebrian.ca/mospheira.html

Finalmente, em toda a parte, como o trovão de chovah, a voz clarinante de Rodolpho Salis, o enlouquecido taberneiro, senhor do Gato Preto e vilão de Montmartre [a sagrada collina!] fazendo as funções de côro antigo, acompanhando avissinadas e monotonias, da magia de Robilli com fulgurantes commentários, erradicados de epigrammas ingentios no Conselho Municipal, a Boulanger e os 40 da Academia, e desvendando, merecê d'uma hermoseologia especial, uma suave obscuridade sobre das situações da vida.

Mas a grande surpresa da noite foi uma canção de Fragerolle, a Santinelli, em que o artista se revelou poeta, compositor, pianista e cantor — tudo isto em igual talento. Imagine-se uma voz quente, trepidante, macilenta e vibrante; os mais bellos versos d'este mundo, a respeitarem de fôrmas e incrustações preciosas; uma melodia larga e encaracolada, que lembrava o palpitir das pregas d'uma andeira e a marcha para a frente d'um batallão antigo; um acompanhamento que rolaava agora como um tambor de guerra, para se rythmava em grandes acordes molhados, como halos os colhos. Fej um choque eléctrico. Todo o nosso grupo se encarou, com o olhar inflamado, sem não se levado d'um meicoro de talento. Era uma revelação, um pássaro ^{negro}. Quando a voz do artista resolreu a phrasa musical numá soberba nota que caiu sobre os últimos acordões e se extinguia com o desfraldar d'elles, o entusiasmo fez explodir o Teatro Guararapes nesse momento vó de perfeição e gloria. Poda a sala, de pé o clamor lona-

Bella noite que passou como um relâmpago
destruindo como ele um deslumbramento.

SUGGESTED READINGS

© PROXIMO™ NAMEBO™

O PRÓXIMO NÚMERO
Chamamos a atenção dos leitores para o próximo número da **ILLUSTRAÇÃO**, no qual publicaremos uma grande gravura representando

CORTEJO DAS COLONIAS

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A «ILLUSTRAÇÃO» 3 VEZES POR MEZ

A empresa da ILLUSTRAÇÃO agradece, profundamente reconhecida, as inúmeras provas de sympathie e de estima que está recebendo de todos os seus estimáveis assignantes e compradores avulso.

Apenas lançámos ha dois numeros a ideia de passar a publicar a «ILLUSTRAÇÃO» TREZ VEZES POR MEZ — que de todos os pontos de Portugal nos chegam as mais entusiasticas adhesões. De cerca de 1:800 BILHETES POSTAES E CARTAS que temos recebido em Paris, SO DOIS SRS. ASSIGNANTES é que não estão d'acordo com a nossa ideia, julgando um d'elles que não haverá bastante matéria para encher trez numeros d'un jornal do formato da ILLUSTRAÇÃO.

Devemos dizer a esse nosso assignante que a ILLUSTRAÇÃO, no dia em que passe a ser publicada trez vezes por mez, começará logo a publicação de magnificos romances de Georges Ohnet, de Alphonse Daudet, de Hector Malot, de André Theuriet, etc., — romances admiravelmente ilustrados pelos primeiros artistas de Paris. E o nosso jornal ficará assim á altura das melhores revistas francesas e inglesas, que são a unica leitura das familias.

Agradecemos profundamente reconhecidos, a muitos dos nossos assignantes, o desejo que exprimem de ver a ILLUSTRAÇÃO publicar-se, não trez vezes por mez, mas quatro!... Estas sympathicas adhesões são para nós d'un valor inestimável. Provam-nos cabalmente que a ILLUSTRAÇÃO encontrou em Portugal um numeroso público, realmente apaixonado das bellas-artes e das letras, decidido a auxiliar todas as empresas artísticas e litterarias que estejam dispostas a cumprir honestamente com o que prometeram desde começo.

Parece-nos que não mentimos aos nossos assignantes quando lhes dissemos que a ILLUSTRAÇÃO seria a unica revista em lingua portugueza, que haria de pôr o publico ao corrente de tudo quanto se passasse na grande Exposição de Paris.

E em nome dos sacrificios que fizemos este anno para merecer a estima dos que nos leem, que pedimos a todos os assignantes e compradores da ILLUSTRAÇÃO, tanto de Portugal como do Brasil, que ainda nos não escreveram, nos digam com a maior brevidade se querem, ou não, que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se TREZ VEZES POR MEZ.

Dirijam a resposta, n'un bilhete postal de 20 reis, ao

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

Apesar de termos já em nosso poder cerca de 1:800 ADHESÕES, ainda nos faltam alguns milhares de respostas, para saber se queremos, ou não, passar a publicar a ILLUSTRAÇÃO — TREZ VEZES POR MEZ.

A ILLUSTRAÇÃO só quer ser agradavel aos seus assignantes. E' por isso que nada fará, sem ter a opinião de todos elles.

A EMPREZA.



AO PÉ DA TORRE.

UMA VIAGEM A' TORRE EIFFEL

Ilustrações de Kauffmann, Gratiot, Carlowski e Baugraph

A QUELLES que me vão ler, que ficaram acoitados em Portugal e no Brasil sem poderem vir a Paris admirar a torre, que só a conhecem por gravura, photographia, ou reduzida a herloque de corrente ou de pulsaria, a brincos ou a alfinetes de gravatas, que só a viram nas paginas da nossa ILLUSTRAÇÃO dominando o horizonte de Paris, — não formam, não podem formar a mais leve ideia do que é esta massa enorme, esmagando o solo com os pés titânicos, e erguendo ás nuvens a esbelta columna rendilhada que tem feito levantar tanta cabeça, estender tanto pescoço, e arrogalar tanto olho de provinciano e de estrangeiro...

Porque nós, parisienses, como a vimos fazer, como a vimos nascer e crescer, já olhamos para elle com a mesma indifferéncia com que olhamos para um cigarro...

Durante séculos Paris tinha resumido o seu orgulho na beleza artística dos seus monumentos, chegando mesmo, quando a occasião se oferecia, a sorrir dos povos barbaros da antiguidade que, como os egípcios com as pyramides, os gregos com a estatua de Rhodes, tanto se deixaram levar pelo genero colossal. — Um homem apareceu, que mudou a tradição: não vamos descrever a sua obra; ha dois annos que a ILLUSTRAÇÃO segue cada uma das



AO PÉ DO PILAR ESTA.

Transformações d'esta extraordinaria construção, que nós vimos subir para o céu, sem serem precisos andarmos, sem que nunca se pudesse ver entre aquello rôde de ferro um só operario; obra de magica na qual as fadas pareciam trabalhar de noite... E se um dia se formarem lendas ácerca da torre, ficarem cortos que hão de apparecer velhas para explicar á laleira o milagre, affirmando que foi o Diabo que desempenhou o principal papel, e que legiões de gnomos ajustavam e pregavam sem ruído os membros da ferro da imensa carcassa. Descrevel-a — seria uma loucura! O que vamos tentar é dar uma ideia da vida especial que a anima, e para isso é preciso entrar lá para dentro. Subamós...

Já o opito do elevador tocou a carne (sonner à viande) conforme a naturalista expressão dos milheiros quando descem á mina — para avisar o 1.º andar de que parte um carregamento de carne humana. O wagon de dois andares que nos vai levar lá cima, encheu-se em menos d'um minuto; as portas fecham-se com um ruído seco, e de repente a paisagem vista pelas estreitas janellas d'aramo toma uma singular inclinação; as torres, os pavilhões, as fachadas alinhadas, parece que se inclinam e que abatem e que se enterram — estamos a caminho! E' um escorregar sem ruído, sem choque, sem um balanco; junto de nós, passam colossos cruzamentos de ferro, em quanto que na escada suspensa, se vê gente subir a custo, suada e effagata, os trezentos e cincuenta degraus que o elevador nos poupa. Depois, segue-se um ruído de parafusos que se lucham; a enorme galota, chela de viajante e leveira como uma bolha de sabão, fluctua um instante, procurando a estabilidade. Chegámos...

Que surpresa! Estamos diante d'uma verdadeira cidade, cidade extravagante, tendo o que quer que seja das aldeias escandinavas, com muros de madeira e pignous contornados; a multidão formiga e acotovela-se nas ruas d'esta nova cité, aparta-se em volta dos kiosques, senta-se ás mesas dos restaurantes: porque ha ali restaurantes cujas construções ocupam tres mil metros quadrados — será bom repetir: tres mil metros quadrados... No foro do primeiro andar da torre instalaram para estes restaurantes, as respectivas casinhas, casas de arrecadação, caves profundas, e todo este espaço ocupado é insignificante comparado com a imensidão do conjunto.

Repto: é uma cidade, uma verdadeira cidade, cuja praça central é um buraco escancarrado para cima do Campo de Marte, tendo vinte cinco metros de cada lado. Ah! que buraco!... Idem baixo,



NO ELEVADOR.

muito em baixo, achatam-se sobre o tanque as estatuas brancas da famosa fonte de Saint-Vidal; as relvas que a cercam parecem pintadas no chão, e nas ruas parecem arrastar-se como boscos de rodas, os transeuntes, aos quais se não distinguem os movimentos. E na sua formidável abertura, fogem e inclinam-se os quatro gigantescos pés de ferro que nos sustém; a sua enorme curvatura, desfigurada pela perspectiva, parece tomar o ponto de apêlo a uma distancia infinita, e ter-nos suspenso por um prodigo de ousadia e de equilibrio a 60 metros d'altura: sessenta metros! menos sete metros que o alto das torres de Notre-Dame.

Enquanto aqui estamos, com o olhar engolhida n'esta immensa escavação, uma corda sed d'umo, reida e desce no vacuo; soberbamente, puxando um cabaz cheio de viveres; é o elevador das provisões destinadas a nutrir a população da Torre. Cabo ao começo, parece depois um cordel, e acaba em fio quasi invisivel, enquanto que o cabaz que elle sobe anda a rola e balança ás olos dos frequentadores da Exposição, que parecem agora pontos negros imóveis, divertidos com este espetáculo. Com um movimento regular o cabaz sobe, aumenta, suspende no espaço, e balança molevemente, aproximando-se sempre: — foi assim que subiram todas as peças da Torre, todos estes ferros que se cruzam e se misturam, estas formidaveis travessas metálicas, cada uma das quais pesa pelo menos mil e quinhentos kilos. E pensa-se que se é bem feliz por se ter achado para os homens um outro sistema de elevação diferente do das coisas; aliás

teríamos de nos valer e de nos agarrar a este fio, seguindo com a vista assustada a fuga vertiginosa do solo, medindo n'uma hallucinação a profundezas do abysmo sobre o qual se estaria suspenso...

Será bom não insistir; são ideias que perturbam as mais fortes cabeças: não é bom pensar em semelhantes coisas quando se está à altura das torres de Notre-Dame. Continuemos a subir: acima de nós, sustentada por quatro arcos grandiosos, vê-se a segunda plataforma: continuamente os elevadores, com uma ligeireza de passaros, correndo verticais entre as barras d'uma gaiola gigantesca, reaissem a segunda viagem vertical; mas para variar

rendo para respirar, ou para ver passar, no nosso lado, os elevadores cheios d'ascencionistas que, pelas janelas estreitas, parecem mangar e gosar com a nossa fadiga...

Que vibaritos! A meio da escada pará-se para respirar — depois continua-se a subir, ainda com mais dificuldade, o chapéu na mão, esponjando a fronte. A duzentos degraus d'altura, começamos a comunicar as nossas impressões aos turistas que nos precedem, ou nos seguem: trocam-se alguns: *Caramba! — E' mais difícil do que pensava!*

Não farto a cair n'outro! — E desistiu-se da empreza, se não fosse um bocado de valéidade, e também a ideia da volta. Finalmente, o ufl... final é solto com prazer, e se o guarda da escada (um dos muitos guardas) dito d'uma certa dose de observação, deve ter conservado a recordação de muitas círculas apoplecticas, de muitas frontes lavadas de suor, mas radiantes da alegria legítima que proporciona a realização d'uma obra glória, ou o ter vencido uma dificuldade bem penosa.

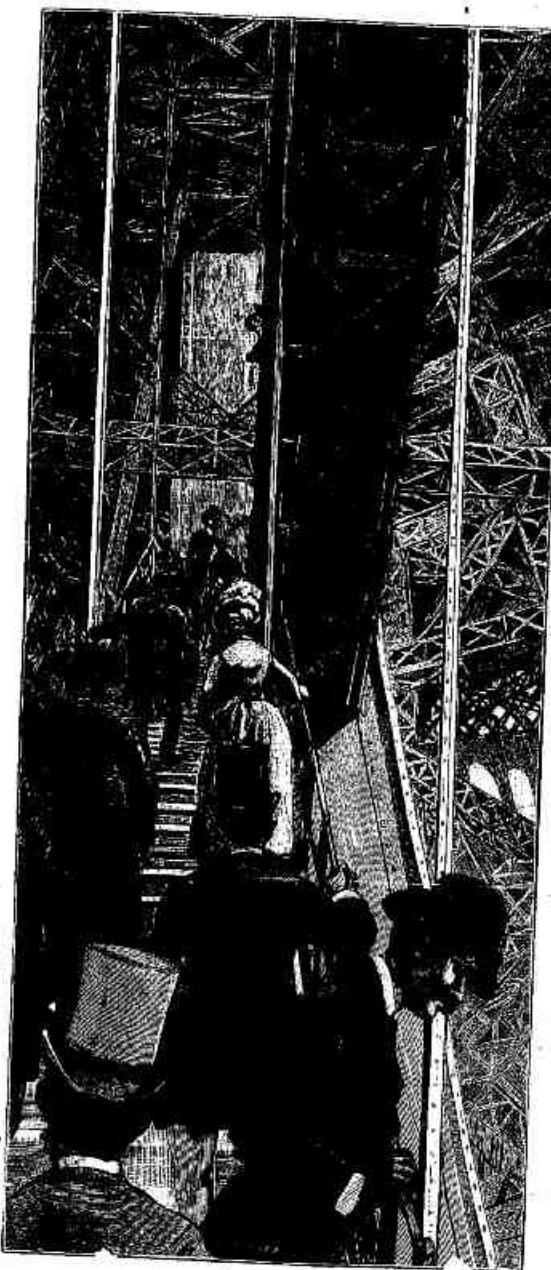
A primeira coisa que se pede quando assim se atinge a segunda plataforma, é um banco. Sentemo-nos pois, ao abrigo do vento, se isso é possível, e de modo a gozar o curioso especta-



Uff...

do alto, como querendo deixar uma recordação na praia que vão abandonar.

Porque — como todos sabem — o *Figaro* teve a ideia originalíssima de instalar a 117 metros

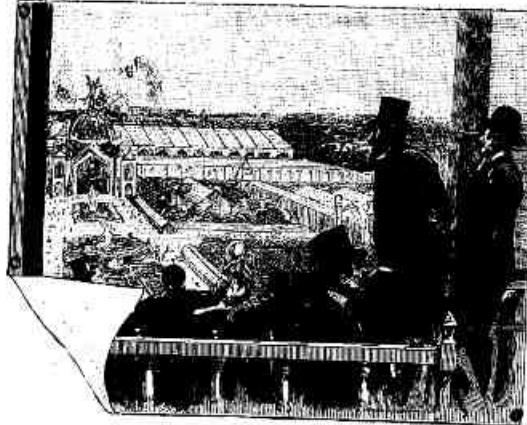


NA ESCADA.

as nossas impressões subimos d'esta vez pela escada; uma ligeira escada de ferro cujas espiras se elevam em sacurroilhas através os vigamentos rectilíneos do pilar do sul.

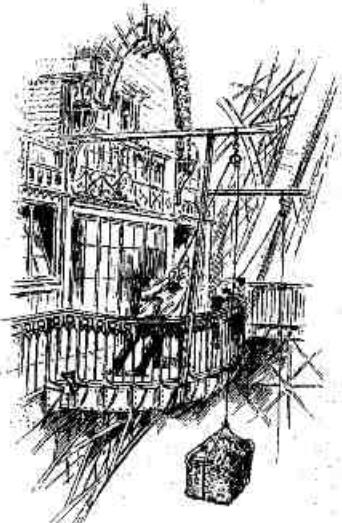
Um resguardo de pano alcatroado ladeia a escada, protegendo-nos contra a vertigem; os degraus enrolam-se, monotonos; a ascenção que começou alegremente, comece a tornar-se pesada: e sobe-se, andando sempre à roda, uns atrás dos outros, pa-

cado que oferece esta nova elada-aerea, animada d'uma vida ainda mais intensa e mais pitoresca que a primeira. Não sei explicar por que é que se experimenta a mesma sensação que produz um grande porto de mar: o vento sopra, fresco e viroso como sobre aponte, e encontram-se pessoas apressadas acotovelando-se com um bilhete postal na mão, à porta do escritório onde se faz o correio: através dos vigamentos metálicos, finos como cordagens de navios, estendem-se grandes pedaços de céu puro, com longíquos azuis que nos lembram o Oceano; ali passam trez ingleses com bombas de marinha, ribbons amarellas, e binóculos a tiracolo: sobre a prancha que conduz ao elevador do terceiro andar amassa-se uma multidão que fala todas as línguas e cujo cosmopolitismo nos transporta para longe de Paris; e a gaiola deslizando em linha recta entre os rails verticais, parece ser o vapor carregado de passageiros que se afasta para o desconhecido, e que se vê, navegando no mar do céu, afastar-se e tornar-se pequeno, pequeno, como um navio que vai para o largo. E isto para completar a ilusão, ha ainda a cabina do *Figaro* da torre Eiffel, onde os passageiros acabam de se inscrever, antes de emprehenderem a grande viagem

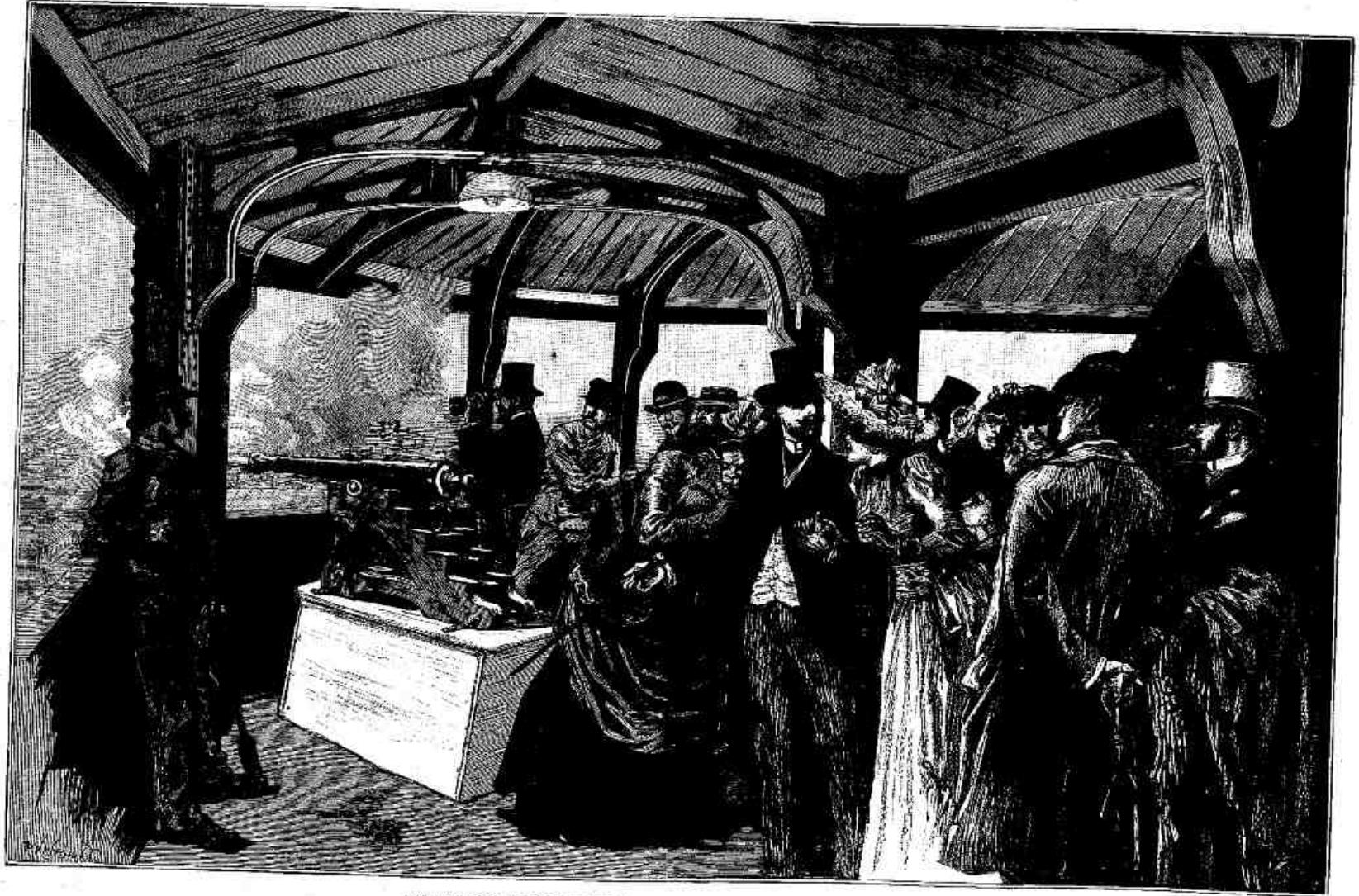


A PRIMEIRA GALERIA

acima do nível do Campo de Marte uma succursal da sua typographia da rue Drouot. Compõe-se, tira-se, e vende-se ali um jornal cuja vinhetas representa o espírito barbaio de Sevilha a cu-



O ELEVADOR DOS VIVERES.



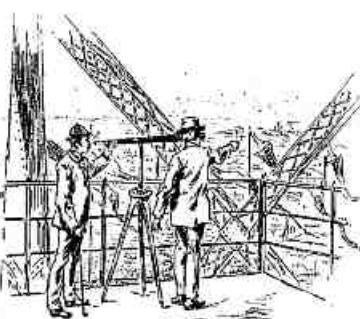
UMA VIAGEM À TORRE EIFFEL. — O TIRO DA PEÇA AS SEIS HORAS DA TARDE.



NA CERVEJARIA DA ALSACIA-LORRANA.

vale sobre o monumento do sr. Eiffel; esta pequena folha possue já uma reputação universal, não contando mais de trez mezes d'existencia; mas deve-se acrescentar que nunca nenhum jornal francês teve mais celebres e mais numerosos redactores.

O schah de Persia ali collaborou, assim como o rei Dina-Salif, dos quais a *ILLUSTRAÇÃO* já publicou os retratos; também o príncipe Bauduim e suas altas beylecias se não recusaram a dar para ali original; e seguindo estes ilustres exemplos, não ha burgues de província, nem visitante estrangeiro que não considere como uma honra ter o seu nome impresso nas columnas do *Figaro-Tour-Eiffel*. As folhas soltas, nas quais nos inscrevemos, são imediatamente entregues ao compositor. Tenho na minha frente a coleção d'esta curiosa publicação; encontrava-se-aqui assumpto para comentários filosóficos, porque muitos visitantes acrescentam aos seus nomes e qualidades uma phrase resumindo as suas impressões. Estas reflexões na sua maior parte não são, nem muito variadas, nem muito transcedentes. A maior parte limita-se a mandar do alto da Torre Eiffel saudades aos seus parentes e amigos, não esquecendo os seus patrícios, o príncipe Carlos, o tio Paulo e sobrinho Gustavo. O ilustre engenheiro é coberto de protestos d'admiração e de reconhecimento. Uma actriz muito conhecida escreve: *Mil agradoimentos a M. Eiffel por ter procurado as pobres mulheres impressionadas tão novas e tão vertiginosas.* Um bom padre entusiasmado assina e acrescenta: *Magnificat anima mea Dominum!*



O TELESCOPIO.

Outras phrases: — *A ideia de fazer uma torre de ferro de 300 metros já havia sido proposta pelo abáixo assignado em 1886, L. R. engenheiro à L., — e uma outra mão acrescentou: Propor a ideia não é nada... Um outro engenheiro.*

Um apaixonado escreve: *Quisera ter traçado co-*

migo Suzyette! — em quanto que um bom alsaciano, discípulo fervente de Cambrius, afirma que a sua única pena é não ver da torre a cervejaria do Elefante. Um outro exclama:

*Que cette tour grandiose et magnifique
Pour dégager les vaines politiques.*

Este é um poeta, e não é o único. Um desesperado exhala assim o seu horror à vida:

*• Tom
Du plus bas de ton faîte
Un jour
Le piqueur une tête
Comment
De jeter dans l'espace
Au vent
Ma cheville cassée.*

Um belga escreveu: Saindo a França marchando um Republicano na estrada do progresso, da paz e da liberdade. Ao que um arriego respondeu: Será bem por esta estrada que ella marche? Um outro belga,

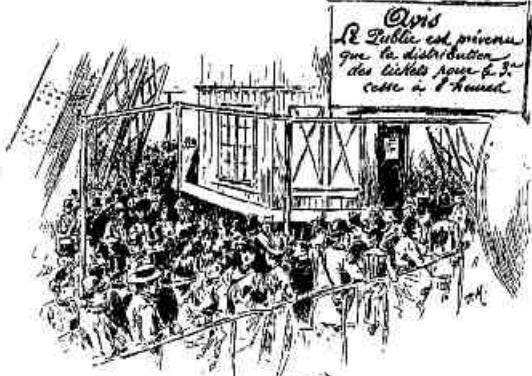
*Há também os amadores de calemburgos, entre os quais o nosso famoso Mendonça e Costa que pri-mou pelo disparate, dizendo que teria maior orgulho de fazer la *Tour* do que fazer *le tour du monde*. De resto, esta mendonçacastada vale bem as asneiras da *Gazeta dos caminhos de ferro*, onde Mendonça e Costa, dando conta da sua viagem a Paris, acha indecente e ordinariíssimo o material e o serviço dos caminhos de ferro franceses! Ou talvez lhe tivessem pregado a partida de o trazerem a uma immunda 1.ª classe de Santa Apolonia — até Paris... Ali! Mendonça, Mendonça! Quanto mais velho, mais Mendonça e Costa!*

*Uma alma círdosa escreveu por debaixo do calemburgo de Mendonça: *Le plus grand danger que l'on puisse courir dans la tour Eiffel, c'est de laisser tomber... une bêtise sur ce registre.**

SEGUNDO ANDAR. -- *Le Figaro*.

Quasi todas as impressões notadas no registo do *Figaro* denotam um prodigioso entusiasmo pela obra de M. Eiffel e pelo espectáculo inovável que se desfruta do alto da torre: e a prova está nos milhares e milhares de nomes que cobrem as paredes dos diferentes pavilhões das duas plataformas, as balaustradas, as colunas de ferro, os bancos e os espelhos das lojas. É um fenômeno bem singular, que o homem quer sempre deixar alguma coisa da sua pessoa nos sítios onde experimentou uma emoção violenta que elle recusa nunca mais ver renovada. Encontrei um dia na Suissa um inglês que viajava a pé, trazendo consigo, além da sua bagagem de *touriste*, um enorme pote de açoitão a um grosso pincel com que traçava o seu nome em letras de seis pés d'altura, sobre todos os rochedos das estradas.

E preciso confessar que aqui o entusiasmo tem a sua razão de ser: a perder de vista, a grande cidade estende o seu oceano de telhados e de verdu-



AO PÉ DO ELEVADOR DO TERCEIRO ANDAR.

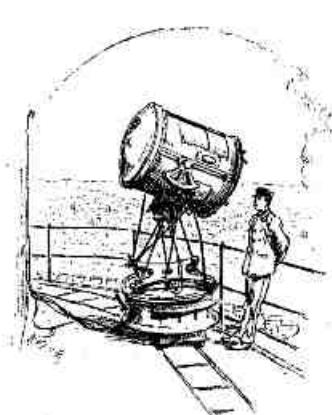
ras: as longas avenidas d'árvores convergem para a Torre, como os raios d'uma enorme roda dentada, enginalhados de folhagens; os monumentos, que parecem ondes, estão espalhados por cima das casas; e horizonte, ora enovelado, ora formando uma bela linha azul, parece que se ergueu, e o que fica abaixo de nós afunda-se n'um poço medonho; o Rio Sena desenvolvendo a sua larga curva parece carregado de barcos que passam lentamente, deixando atrás d'elles um grande sulco. A Exposição com os zimbórios aquies, as cúpulas azuis, os minaretes excentricos, tudo isto fica esmagado, se amassa, e



NO TERCEIRO ANDAR.

visto de cima toma uma forma nova, como que ajoeilha diante do coloso: as quatro cúpulas do pavilhão da Bolívia parece que se enterraram pelo telhado, o pavilhão do mar prece um brinquedo de creanças, o pavilhão do México parece chato e quadrado... e no lado do pavilhão do Brasil estas oito ou dez obreiras de fechar cartas que ell fluem, são as folhas da *Victoria regia*, esta flor desconhecida até agora da Europa, e cujas folhas tem mais d'um metro de diâmetro!

E o olhar volta sempre à torre, seguindo as desidas vertiginosas da sua carcassa metálica, onde tudo vive d'uma vida agitada, quasi febril; a esca-



OS PROJECTORES.

de vomitando incessantemente uma onda de curiosos esplanados; os elevadores despejando fórmulas de passageiros, depois, apenas vazio, tornando-se a encher n'um instante; os latidos surdos das cornetas dão o sinal para a partida, e a gaiola carregada de cinquenta pessoas, afunda-se silenciosa, caindo como uma peur, deixando só aír de si o cabo a pitar... Por cima de nós, os rodos de todo este mecanismo andam, desandam, párum, recomecem a andar, obedientes e silenciosas; os cabos n'água correm em linha recta através os dodões d'esta complicadíssima construção.

De repente ouve-se um tiro de peça, um fremito metálico percorre todo o gigante de ferro; e vêem-se todos os relogios saírem de todas as alqueires, como antigamente se fazia em Lisboa com a hora marcada pelo balão do Arsenal. Cada pessoa quer ter a hora da Torre. Ter o relogio pela hora da torre Eiffel... e depois morrer... Quando redenta o tiro do canhão, podem à vontade calcular em 500.000 o numero de pessoas que dizem: são seis horas. De lá de cima vêem-se em todos os jardins

da Exposição todos os pontos negros, que são os transeuntes, pararam... E' para se certificarem da exactidão dos relogios. No dia 1.^o de setembro findo, Paris andou durante toda a noite adiantado d'un quarto d'hora. O tiro de peça da torre anunciando oficialmente, não a hora, mas o encerramento das galerias e o aumento de mais um bilhete nas entradas da noite, fez-se ouvir mais cedo no dia 1.^o de setembro, às cinco horas e traz quartos. Todos os transeuntes, conforme a tradição, olharam para os relogios, e convencidos de que estavam atrasados, adiantaram-os para os regular pelo tiro da torre. Um quarto d'hora depois, seis horas soavam em todos os relogios do Paris.

Mas precisamos subir ainda mais: d'esta vez a escada em espiral que dá tantas voltas até se perder lá no alto nas malhas de metal, é proibida ao público, e é no elevador Edoux que concluimos a nossa viagem: uma gaiola fechada que pode conter sessenta pessoas e sustentada por quatro cabos que descem do alto da Torre: tocam uma campainha, e partimos.

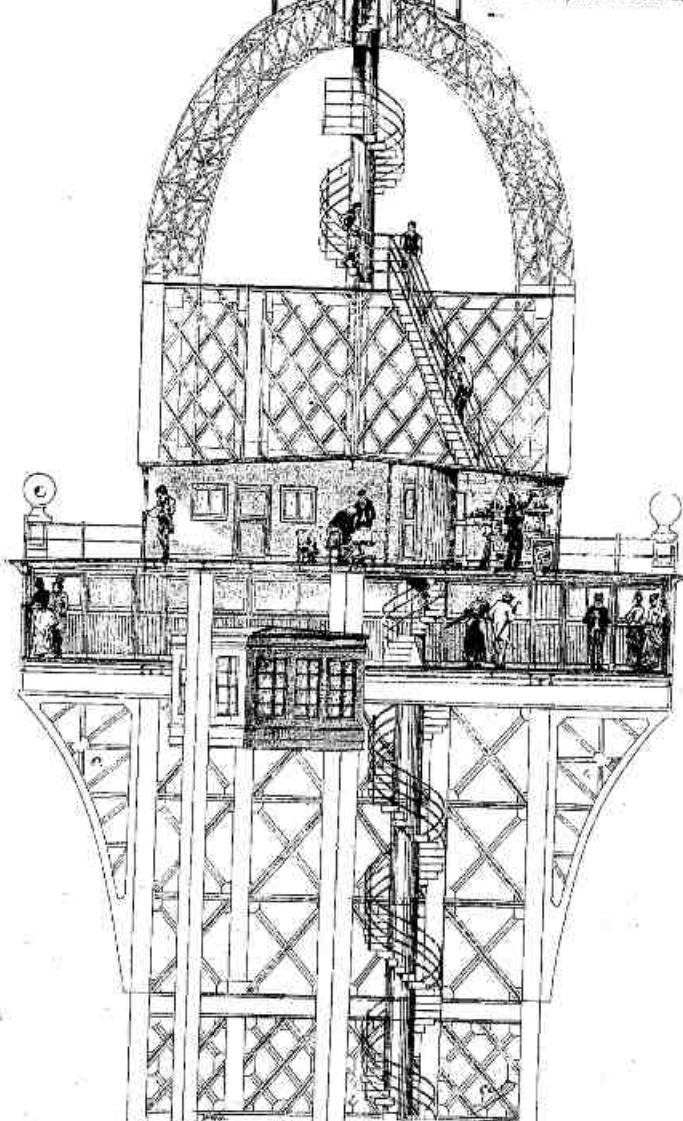
Os viajantes conservam-se de pé,



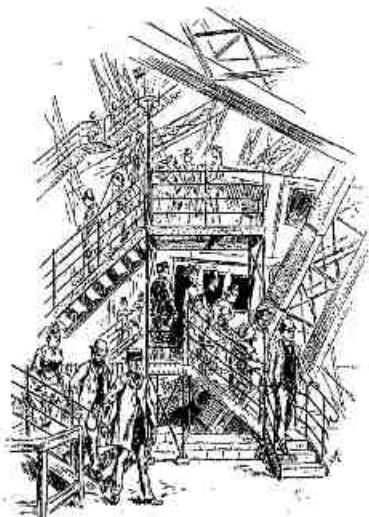
O PHAROL.

a cara junto das estreitas janellas de vidros que iluminam a cabina. A impressão é singular. Parece que nos não movemos, e tudo, em torno de nós, se move e desaparece num longe vertiginoso: as enormes travessas de ferro da gaiola metálica através das quais nós viajamos verticalmente, tornam-se mais leigeras e mais tênues; e através d'essas grades, a paisagem afunda-se, enterra-se, envolve-se d'uma tinta geral onde desaparecem os detalhes.

O elevador pára; a porta abre-se escorregando



CORTÉ DA PARTE SUPERIOR DA TORRE EIFFEL.



A DESCIDA.

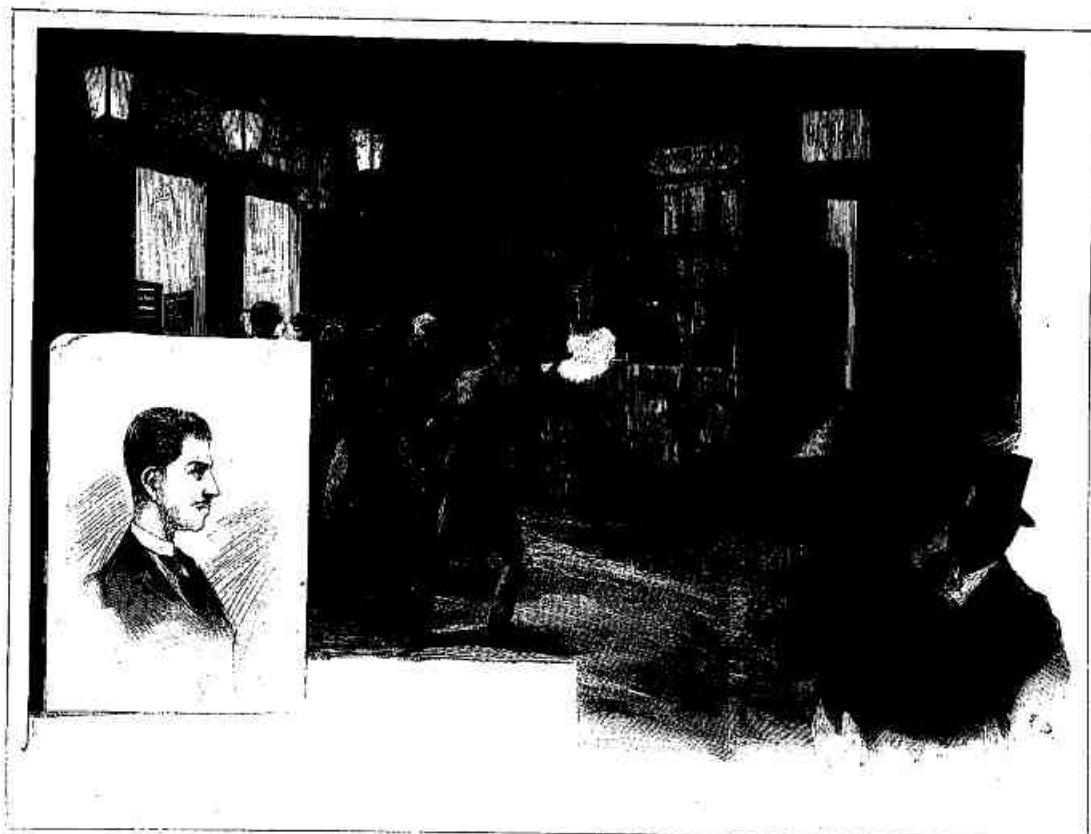
nos encaixes; estamos na plataforma intermédia, a 207 metros acima do nível do Campo de Marte. Em dois minutos subimos 90 metros. Continuemos!

Eis-nos na segunda cabina, a que é movida por dois pistons de 32 centímetros de diâmetro e de 60 metros d'altura; o trasbordo d'uma cubina para a outra faz-se sem desordem e sem ruído, e a ascensão recomeça...

O silêncio que reina todo o tempo que dura esta viagem perpendicular é uma coisa que merece notar-se: será a novidade da sensação, a grandezza do espectáculo, a vaga desconfiança e incerteza que se experimenta ao ver a terra fugir e o horizonte su-



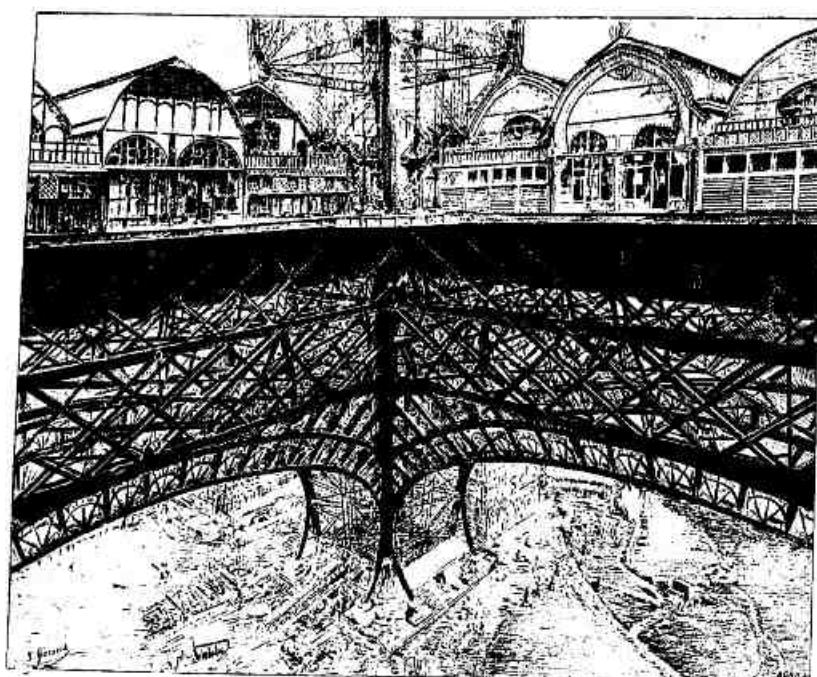
EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A rue do Cairo, no Campo do Morro.



O ATENTADO CONTRA S. M. O IMPERADOR DO BRASIL. — RETRATO DE ADRIANO DO VALLE.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — A EMBAIKADA ANNAMITA.



OS RESTAURANTES DA PRIMEIRA PLATAFORMA DA TORRE EIFFEL.

bir? Não sei... O que é verdade é que cada um guarda para si as suas impressões, e que esta subida silenciosa é um quasi nada desagradável... E depois, não se pode impedir que se não pense que um calio, mesmo d'água, nem por isso deixa de ser um calio... que se pode quebrar! Em tudo o caso o apparelho é munido d'um freio poderoso para que, no caso em que se parte algum órgão importante do elevador, os visitantes não tenham o menor perigo.

Parau a máquina, estamos chegados! Cercá-nos o céu immenso; a vastidão e a magestade do espetáculo são: tues que parece que nos oprirem: quanto à terra vemos-a tão longe, e Paris lá de cima parece coisa tão insignificante, que pouco interesse nos dispertam. Dir-se-ia um monte de pedras perdido no meio d'um horizonte imenso de florestas: as ruas, os monumentos, as casas, tudo se confunde n'um formigueiro phantastico; nem mesmo se ouvem os ruidos e as vozes da grande cidade; e o que apenas se ouve é a paipaça da bandeira tricolor que fluctua a vinte metros acima das nossas cabeças.

O acesso da parte superior é reservado ao sr. Eiffel que, a trez metros mais acima instalhou um aposento completo — o ninho da aquila! Uma varanda octogonal de 11 metros sobre as grandes faces e de 4 metros sobre os pequenos lados circunda esta habitação aerea, coroada por quatro grandes arcos de ferro, formando o campanário. Uma escada de caracol de 12^o de altura enrola-se em volta do eixo do campanário, e conduz a uma nova plataforma circular, com varandas, situada a 290⁰ acima da base da torre. Mais acima está o pharol electrico que mede 6^o80 de altura; o extremo da cúpula do pharol é exactamente a 300 metros acima do solo do Campo de Marte, e a 333⁰ acima da nível do mar.

E já que estamos empregando as cifras, fiquem sabendo que a construção da Torre está avaliada em 900 contos "de réis, e que as 250000 peças d'ouro de vinte francos (lajes) necessárias para pre-fazer-ma aquela somma respeitável, formariam uma pilha de pouco mais de 300 metros. O kilogramma de ferro posto no seu lugar saílo por menos de 180 réis (um franco) pois que o peso total do ferro empregado na torre é de 6.500.000 kilos. Só os ferros e fundições do primeiro andar entram n'este peso com 3.623.800 kilos.

Notem ainda que há 1.792 degraus para subir ao extremo da Torre; que 10.000 pessoas podem simultaneamente circular à vontade nas diferentes plataformas; e notem agora para concluir, este facto

nada vulgar — é que acabamos de emprehender esta viagem à Torre Eiffel, sem uma única vez se lhe ter chamado... a moderna Babyl.

Já é habilidade!

UN PORTUGUÉZ QUE SUBIU À TORRE
SEM SER COMMISSIONADO PELO SEU GOVERNO.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A RUA DO CAIRO

O DESENHO tão original e tão vivo do nosso ilustre colaborador Vierge (o grande e malogrado artista a quem uma paralisação tiro a fúria e aniquilou o braço direito, trabalhando com a mão esquerda depois de dez anos de estudo e de paciencia) — dispensou-nos de comentários que nada acrescentariam ao pitoresco da cena: A rua do Cairo, no Campo de Marte, esta pitoresca reconstituição d'uma rua da velha capital do Egypto, — continúa sendo uma das maiores atrações da Exposição, com as suas lojas onde se vende toda a quinquilharia do Oriente, onde se vendem cigarros, doces, cafés e bebidas do paiz, — sem falarmos dos famosos teatros onde se dança a tão fallada dança do ventre, de qual já demos uma cena, graças ao lus de Adrián María.

O desenho de Vierge é a impressão viva e repentina que o aspecto d'esta rua produz ao visitante que pela primeira vez ali entra.

A EMBAIXADA ANNAMITA

Entre os tipos curiosos e as celebridades de todo o mundo que tem vindo a Paris, para admirar as maravilhas da Exposição Universal, destaca-se por muito pitoresco a embaixada annamita de que damos o retrato.

Esta missão mandada a França pela corte de Hué para estudar a Exposição e os usos da Europa, demorou-se em Paris todo o mês de julho e agosto, onde foi recebida com todas as honras oficiais, trazendo uma carta autógrafa do imperador de Annam para o Presidente da República francesa.

O filho do imperador, que acompanhava a embaixada, foi quem entregou ao sr. Carnot os presentes que lhe mandava o soberano annamita.

Estes presentes consistiam em muitas e ricas pe-

ças de seda, onde se destacam flores e caracteres que symbolisam a felicidade; moeis em pau de ferro incrustados de madreperola; dentes de elefantes; joias de jaspe; e finalmente, um chavelho de rhinoceronte ao qual os annamitas atribuem uma virtude especial: é um talismã de longa vida para o possuidor.

Todos estes objectos — inclusivamente o milagroso chavelho — estiveram em exposição no palácio de Elysee.

Os mandarins annamitas — cujo aspecto offereceu aos nossos leitores — saíram maravilhados de Paris... tristes por terem de voltar para o Annam, para esse caprichoso paiz, onde um homem para passar longa vida, precisa de trazer a tiracolo chavelhos de rhinoceronte!... Aliás não se chega aos trinta annos!...)

ATTENTADO CONTRA S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL.

Os nossos leitores de Portugal não precisam que lhe descrevemos o odioso attentado de que foi alvo S. M. o Imperador do Brazil, na noite de 16 de julho, quando saía do teatro, e que teve por autor um desgraçado rapaz português — Adriano de Valle — em quem ideias absurdas d'um falso ideal politico levaram até ao crime. Todos conhecem o lamentável acontecimento, tanto mais lamentável, que o criminoso é um português. Mas a colonia portuguesa do Brazil, e todo Portugal pela voz da sua imprensa, protestaram contra um tal crime de que foi alvo o ilustrado e nobre monarca, o imperador-philosopho que todo o mundo culto admira, e que Portugal estimava respeito, porque é um principe do nosso sangue, e o Chefe d'um grande Imperio que é nosso irmão pela lingua, e o qual nos ligam tantas tradições e tantos afectos.

Também pela voz d'um poeta notável Portugal protestou contra tão odioso attentado. Os leitores de ILLUSTRAÇÃO viram no nosso ultimo número um trecho do poemeto de Gomes Leal.

Hoje damos aos nossos leitores uma gravura representando fielmente a cena do attentado, e o retrato de Adriano de Valle.

ILLUSTRAÇÃO de novo se associa a todas as manifestações que tem partido de Portugal, protestando contra semelhante attentado, e fazendo votos pela saude e longa vida do illustre monarca que tão digno é do respeito dos povos.

PARIS. — A EXPOSIÇÃO HIPICA.

No mês de setembro findo realizou-se em Paris no Cours-la-Reine, sobre a margem direita do Sena, por detrás do Palácio d'Industria, uma magnifica exposição hippica, exposição internacional, a qual concorreram os mais curiosos exemplares da raça cavallar.

Nesta exposição, o sr. Eutropio Machado, o ilustrado chefe da secção dos serviços pecuários na Direcção geral d'Agricultura de Lisboa, que viu a Paris em missão do nosso governo estudar a exposição pecuária e assumptos correlativos — comprou, para as caudelarias nacionaes, dois magnificos cavallos de puro sangue arabe, tendo um d'estes animaes obtido o premio no concurso internacional.

São dois lindos cavalos, um ruivo e outro castanho. Vae um para Santarem, e outro para Coimbra, para a produção do tipo anglo-arabe, que é o tipo que parece de futuro dever ser empregado de preferencia, como reprodutor, no nosso paiz, pelas suas condições especiais de accidentação e poucos recursos de forragens. E este o motivo porque Portugal se não presta facilmente à criação de cavalos muito encorpados, de tiro, como existem no norte da França, e n'outros paizes de maiores recursos d'alimentação.

O cavalo anglo-arabe satisfaz aos fins a que o cavalo se destina no nosso paiz, que é sella e tiro leve. A corpulência relativa dos dois tipos pode obter-se dentro d'esta mesma raça, que se pode facilmente aplainar quando se prestem os recursos forraginosos.

Mais aprendemos n'essa exposição que o exforço medio d'um cavalo atrelado a uma carrogem e indo ao passo, é avaliado em 70 kilogrammas; que o exforço é apenas de 44 kilogrammas se o cavalo vai a trote; que a extensão do passo ordinario do cavalo é de 0^o83 cent.; que a velocidade da sua corrida ao trote é de 3^o80 a 4 metros; ao galope de 5 metros e mais; e que a maior velocidade que o cavalo pode adquirir n'uma corrida d'um quarto

d'hora nunca excedera de 12 a 14 metros por segundo... Quantas coisas nós ignoravamos!

E se a estatística interessasse aos nossos leitores, ainda lhes dirímos que, n'um canal, um cavalo à sínrga pode arrastar de botoco a 100000 kilogrammas, conforme a sua força; que o espaço que elle deve ocupar n'uma cavalariça deve ser pelo menos de 2^o60 de comprimento sobre 1^o30 de largura; e que se lhe devo reservar pelo menos um volume d'ar respirável de 20 metros cúbicos.

N'esta exposição figuraram mais de dois mil cavalos de todas as raças.

Offerecemos aos *sportmen* portuguizes e brasileiros uma curiosa página d'esta notável exposição hippica.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS KABYLES

N'um precedente numero da *Ilustração* já mostramos aos nossos leitores alguns dos typos kabyles que fazem parte da deslumbrante exposição das colonias francesas, instalada na esplanada dos Invalidos. Essa exposição é uma verdadeira maravilha pela variedade e pitoresco das construções, e pela diversidade de tipos que ali se encontram.

Os Kabyles não são dos menos interessantes. Vêem-se na sua barraca, cortando pedaços de couro de diferentes fôrmas e de diferentes tonalidades, a bordar-sos com seda ou fio de ouro, e a unir-sos, para fazerem o mais extravagante enxoval. Enquanto a mulher kabyle, com o costume do paiz, completa o quadro e oferece a mercadoria aos visitantes n'um franzes só comparável ao portuguez que fala o pretinho d'Angola. Este interior é admiravelmente reproduzido pelo nosso grande Vierge.

A Kabylia é uma parte da Argélia, onde se estabeleceram os franceses, e que conta 435000 habitantes.



A TORRE EIFFEL

OS meus leitores não esperam uma descrição minuciosa do corpo da torre. Com poucas exceções todos a subiram já, ou a subirão. A grande colmeia está em plena actividade. Muitas cidades surgiram nas suas entranhas, com os seus comércios variados, os seus costumes especiais, as suas designações geográficas. Começou no primeiro andar, impõe-se no segundo, pasma-se no terceiro. De cima a baixo é um valvém perpetuo de insetos nos fios da teia de aranha. As gaiolas dos ascensores elevam-se ao longo das traves, ou mergulham no abismo, paradoxos inquietadores que zombam das leis de gravidade. Faltou-nos um Victor Hugo para concentrar na alma de um Quasimodo a vida interior da Torre. Faltou-nos também, para lhe ornar o cumé, o que pareceria o destino providencial do pylon. A falta de Quasimodo, iria apostar que já, n'alguma cervejaria do ventre da torre, se está criando um pequeno Rougon-Macquart.

Fui buscar lá cima as impressões que o meu jornal me prescrevera que recebesse. Enquanto a algumas, enganara-me o meu jornal, tive de o reconhecer com espanho. Dizia que o que nos surpreendia desde logo era a paragem do movimento de Paris, pela imobilidade das multidões nas ruas e ao topo do edifício. Como eu, foram os meus companheiros unânimes em notar a aceleração d'esse movimento, a pressa febril do povo de Lillipute. Os peões parecem que vão a correr, atirando a perna com movimentos de automatos. Um instante de reflexão faz compreender que assim deve ser; os nossos olhos julgam os homens a uma altura de 300 metros, como julgam habitualmente as formigas a uma altura de metro e meio; a relação é pouco mais ou menos a mesma. Quem ha que não exclamasse muitas vezes: «Como pôdem andar tão depressa animais tão pequenos?» A comparação é de todo o ponto exacta, porque a agitação d'essa multidão de sis-

mos, as suas evoluções em sonhos contrários, parece, a essa distância, tão inexplicável, tão extravagante, como as idas e voltas de um formigueiro; e que o observador das formigas pensa da sociedade que elas formam conduz o fenômeno óptico o espírito igualmente a pensá-lo da vida puramente, da vida sem epitheto.

O que se diz ácerca da beleza do panorama é justificado. De dia pôde-se preferir a esta vista urbana os vastos e pitorescos horizontes que se desenrolam debaixo de um pico dos Alpes; à noite não tem igual no mundo.

N'uma d'estas noites demorei-me até tarde. Ficava sózinho na gaiola envideirada, que parece o tombadilho de um navio, com as suas correntes, os seus cabrestantes, as suas lampadas eléctricas fixadas no tecto baixo. Para completar a illusão, o vento n'essa noite bramia com furia nas encravias de ferro. Não se ouvia senão a sua queixa no silêncio, e de longe a longe a campainha do telephone, chamando por cima da minha cabeça a vigia do fogo. Não faltava senão o oceano debaixo dos nossos pés. Havia Paris. Pôr-se o sol por detrás do Monte Valeriano. A fortaleza que domina a nossa cidade desce á medida que nos vamos elevando na Torre. Lá de cima avista-se a fortaleza raza no solo, no ninho de verdura das collinas circumjacentes. Caia a noite; ou antes, do céu ainda claro n'essa altura viam-se os véus de crepe condensar-se e vir de baixo; parecia que se mirava a noite como se se tirasse água d'esse poço de Paris. Esvoavam-sa uns apôs outros os bairros da cidade; primeiro as massas pardacentas e confusas das casas de habitação; em seguida os grandes edifícios assignalados na nossa história; as igrejas sobredramaram alguns instantes ficando sóz com os seus campanários; mergulharam pela sua vez no logo de sombra. Ascenderam-se algumas claridades, que não tardaram a multiplicar-se até ao infinito; myriades de fogos encheram os fundos d'esse abismo, desenhando constelações estranhas, juntando-se no horizonte com as da abobada celeste. Dir-se-hia um firmamento a conquistar o outro, com uma riqueza ainda maior de estrelas. Estrelas de alegria, estrelas de dor; aterrava-se o coração com a ideia de que cada uma d'ellas revelava o drama de uma existência humana, tão pequena no monte communum, tragic e encheendo o mundo para aquelle que o sofre sem o comprehender. Voltámos o olhar dos astros de cima para os astros de baixo, aquelles mais misteriosos, estes mais captivadores, porque adivinhámos o que cada um d'elles illumina. E tanto uns como os outros, em cima e em baixo, executavam a mesma tarefa, o trabalho eterno de todos os entes — que é continuar a vida.

De súbito curvam na terra duas fuchas luminosas. Eram os grandes feixes que saíam dos projectores que rolavam por cima da minha cabeça; esse raios de luz de que vemos todas as noites algum fragmento, brincando diante das nossas janelas, no nosso cantinho do céu, como os clarões de um raião dómesticado. Vistos da sua nascente, os dois braços de luz pareciam apalpar na noite, com movimentos sacudidos, atáxicos, como culatrios de febre que os dilatavam em leque ou os apertavam em pincel; íramos jurar que procuravam sem direcção, alguma coisa perdida, que se esforçavam por apertar no espaço um objecto incoercível. Exploravam Paris ao acaso. De vez em quando as suas extremitades conjugavam-se para illuminarem melhor o ponto que interrogavam. Poisaram sucessivamente em casas humildes, em palácios, em campos longínquos. Não podia cançar-me de seguir a sua busca, tão voluntaria e enciosia me parecia. De repente pararam em Notre-Dame. Destacou-se a fachada pallida, mas muito alta. Nas torres acordadas julguei ouvir uma voz dolente. Dizia:

— Para que perturbas o nosso recolhimento, parodia impia do campanário christão? Debal-

de te ergues acima de nós no teu orgulho; estamos fundadas na pedra indestrutivel. E's feia e viaia; nós somos bellus e estamos cheias de Deus. Construiram-nos com amor os santos artistas; carregaram-nos os séculos. E's muda e estupida; nós temos os nossos órgãos, os nossos sinos, os nossos pulpitos, todos os domínios do espírito e do coração. Ufanase com a sciença; pouco sabes visto que não sabes rezar. Podes espantar os homens? não podes dar-lhes o que nós lhes damos... a consolação no padecimento. Irão á tua casa alegrar-se; virão chorar á nossa. Capricho de um dia, não é vil vel, porque não tens alma.»

A torre não é muda. O vento que passa nas suas cordas de metal, dá-lhe voz... Respondeu:

— Velhas torres abandonadas, já ninguém vos escuta. Não vedes que o mundo mudou de polo, e que gira agora no meu eixo de ferro? Represento a força universal disciplinada pelo cálculo. Corre ao longo dos meus membros o pensamento humano. Tenho a fronte coroada de relâmpagos, fyrados ás fontes da luz. Erei a ignorância, eu sou a sciença. Conservuei estorvo o homem, eu faço-o livre. Sei o segredo dos prodígios que aterravam os vossos fiéis. O meu poder ilimitado ha de refazer o universo, e achará na terra o vosso paraíso pueril. Já não preciso do vosso Deus inventado para explicar uma criação cujas leis eu conheço. Essas leis me bastam, bastam aos espíritos que não hão de retrogradar.»

Quando a torre se calava, os dois grandes feixes subiam, com um d'esses bruscos tremores que eu já observava; a vibração das moléculas luminosas mudava-se em ondas sonoras, uma voz pura se ergueu do fluido subtil:

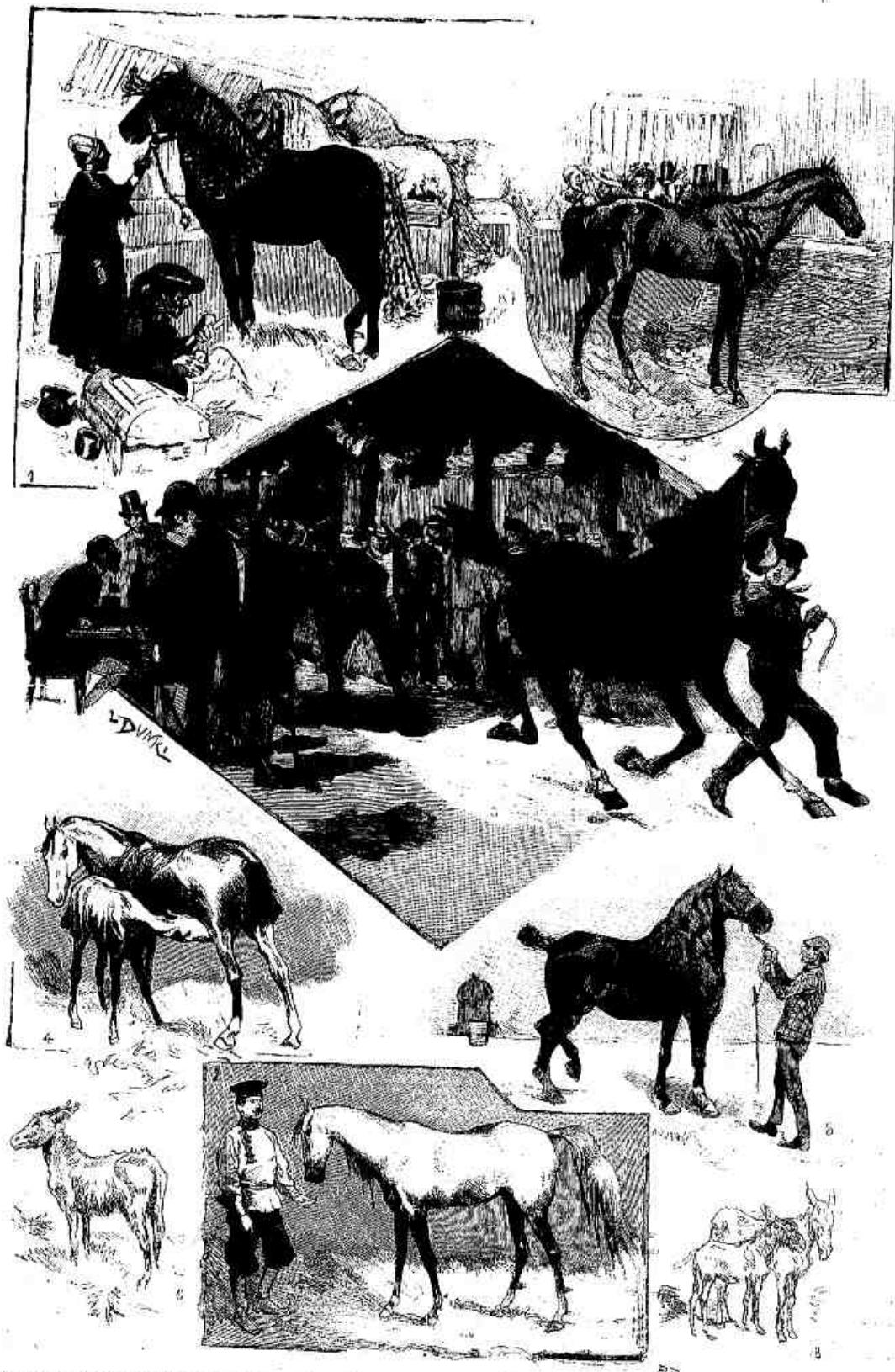
— Coisas lá de baixo, coisas pesadas, as vossas palavras são injuras e curtas as vossas vistas. Vós, piedosas torres gothicas, porque prohibis a essa jovem irmã que seja bella? Quando os mestres pedreiros vos esculpiam, se se transportasse nos vossos pés um grego de Athenas, diria o vós o que diziam d'ella hoje. Chamavos-hi monstros barbaros, insultos ás linhas sagradas do Parthenon. Com tudo a vossa beleza fez-se reconhecer, ao lado da que se admirava antes de vós. Consentiu pois que outra nasça, se chegou o tempo. Sobre tudo não recusou uma alma a quem a procura. Tiraste á vossa ás basilicas que a tiravam das catacumbas. Se uns arcos de ferro vola devem tirar, sabi supportar a lei que ordena ás fórmas que passem. Sede maternas para este mundo perturbado, que segue o seu Instincto precipitando-se n'outras vidas, onde tornará a encontrar o que vós tinheis de immortal...»

«E tu, filha do sober, curva o teu orgulho. A tua sciença é bella e é necessária, e invencivel; mas á pouco esclarecer o espírito, se se não cura a eterna ferida do coração. A tua primogenita dava aos homens aquilo de que elles precisam — a Coridade e a Esperança. Se aspiras a suceder-lhe, sabe fundar o templo da nova aliança, o accordo da Sciença e da Fé. Faze brotar a alma obscura que se agita nos teus flancos, a alma que para ti procurámos n'este mundo novo.

«Já o possues pela inteligência; não reinarás verdadeiramente sobre elle senão no dia em que restituires aos desgraçados o que elles achavam lá em baixo — uma immensa compaixão e uma esperança divina.»

Eis o que eu julgava ouvir na torre. Era-se lá sujeito á vertigem. Essa poite era própria para o sonho. Comecei a descer a longa espiral da escada que se imergia nas trevas. Parando no primeiro andar, voltei uma vez os meus olhares para o alto.

Os dois braços luminosos tinham-se erguido no espaço, continuavam as suas evoluções. De súbito encontraram-se em angulo recto; durante um minuto, no céu negro, em cujos limites



1. Haflinger. — 2. Cavalo de reça boulonnais. — 3. Pur-sang inglês. — 3. Cavalo de reça trazido de traz uns d'Índia. — 4. Raça chincoteague meio-sangue. — 5. Raça inglesa de tiro d'espécie civilizada. — 6. Jumento da Poitou. — 7. Pur-sang árabe. — 8. Jumenta. — 9. Jument.

PARIS. — A EXPOSIÇÃO HIPPICA. — SPECIMENS DA RAÇA GAVALLAR.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS KABYLES NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

parceriam tocar, tearam uma cruz desumbrante, um gigantesco *tabarum*. O signal da piedade e da prece era erguido sobre a torre por essa luz nova, forçou essa imaterial que só em cima de torre se torna claridade. Durante esse minuto, esteve apagada a torre; o pedestal recebeu a sua natural coroação.

Eduardo Mitionho da Veiga.

O URSO BRANCO

N'ESSE tempo era eu saltimbucado. E quem o não é um pouco? Eu fui-o sem metaphora. Sinceramente não fui eu por vocação que eu assim trajava a jacquin amarela de Bobecheou de Jocrisse, e paixão, sob o foleto de Taburio, a marrappa de estopa, cuja ponta se enfa, acorcinha pelo beijo tremulo d'uma borboleta de papil prateado! Mas tudo isso era por amor dos fartos cabellos ruivos e das grandes mãos um pouco vermelhas de Mile. Cunegonda.

Porque elia chamava-se Cunegonda, juro-o! Era uma domadora, viajando de feira em feira com tres lobos, muito familiares, e um urso branco, muito feroz.

Tinha apenas vinte cinco annos, era gorda e robusta, com a pele animadapelo raios do sol. O carvão dos seus olhos accendia-se sob a cabellera fulva, e Cunegonda, tão cheia de saudade, mostrava uns labios tão frescos e vermelhos, como se os lobos a tivessem mordido ente o nariz e o queixo.

E todavia, nuncas a tinham mendido!

Apenas elle entraava na jaula, naquelle barraca de lona, que o vento fazia estalar, perante a curiosidade maravinhada dos espectadores, os lobos arrastavam-se para a domadora, submissos, com os olhos cheios de ternura, como se fossem homens, e com a ponta das linguas lambiam as suas botinas de velveto escarlata, aperitadas com coróis de ouro.

Ella, por prudencia, nuncas affrontava o urso branco, que, para além das grades da jaula proxima, ia e vinha, sem parar, bamboleando pesadamente a cabeça.

Desfilar os lobos, já era audacia, e quando ella se erguia com os homens e os braços nus fôr do corpote de ramagens e arrebesos, com a face purpureada do triunfio, em meio das feras, que a cercavam, aos saltos, fustigalha pelo chicote — embaixo, Cunegonda era verdadeiramente soberba e feroz. Havia um dia dessa n'ysquela creature. A trivalidade da sua força exaltava-se até ao heroísmo. Uma criada de estalagem que seria Ariana. Um poema n'uma canção.

Quando pela primeira vez a vi, foi nas festas de Jusiny. Senti que todo o sangue do coração me affluia á cabeça; apenas os espectadores se affistaram a proximidade d'ella para lhe declarar arrebatado, — que a achava formosa e radiante, que a amava ate o loucure, e que a rapalha para escondermos o nosso amor, se ella o quizesse, em alguma floresta virgem, onde teria o prazer de dormir, não só os lobos, mas até leopardos aurosos e onças!

Ella, com as mãos nos quadris, desatou n'uma gargalhada; e, de repente, pozse muito séria.

Por qual s' tomava eu? Ella era ajuizada. Saltimbucava, sim, mas honesta. Depois da morte de seu paiz — um domador devorado pelas feras — ganhou a vida, mostrando o urso branco e os tres lobos, tudo o que ainda restava da antiga colleção. Não pedia nada a ninguem. Muitos homens a tinham já requestado; uns que mostravam casas e macacos sábios, cavalleiros, palhaços, directores de circos — as pessoas mais consideravelas na bolsa, e até muitos cavalleiros.

A todos responderam:

— Vão passiar, senhores, vão passiar. —

Pretendia continuar a viver como ate então, tranquillamente, só com os seus lobos.

Dito isto, voltou-me as costas e continuou a ir, acrescentando que, o que lhe faltava era um namorado, era um palhaço; porque o seu — polaco rapaz — estava no hospital, com um braço partido, poucas dias antes, por uma pata da teda desse branco.

Não, certamente; não era aquele o sonho da minha juventude, fazer pantomimas pelas feiras, nos tablados dos barraqueiros, entre o estridor dos trombones e o resto infernal dos tambores!

A minha alma! — ah! se me lembrão! — lá atraz de chimeras mais gloriosas!

Não importa, respondi:

— Seré eu o seu palhaço!

— O senhor?

— Sim, eu.

Então esti resolvido a gritar: « Entre, meus senhores! podem entrar, minhas senhoras! »

— Justamente.

— Quer dançar só num pé, emilar sobre as mãos?

— Quero.

— Receber o dinheiro à ponta?

— Sim.

— Trazer de ferias?

— Sim.

— Preparar a comita dos lobos?

— Sim.

— Fazer todos as noites a camu paca o urso?

— Sim.

Ella refelcou um instante, e disse:

— Acabo. Ganhará trinta francos por mes.

E loi assim que me escripturé como palhaço, antes de me prender como numorado.

Oh! formoses estrelas! quantas vezes dormi e sonhei sob o vosso olhar amigo e calmo, semelhante a um olhar de uma noiva, que nos ve de longe! Bebi a agua limpa dos ribeiros, dos bosques, e o teu vinho ordinario, oh! tsbernas das estradas! Durante mezes vivi pobrez, esfaimado, contento de aldeia em aldeia, errante e vagabundo, ora sonhando sob a murrinha da estopa, ao calor do sol de julho, ora com uma manta de neve em volta do pescoço, no frio de dezembro.

A uma tal dedicação, porém, era indiferente o coração de Cunegonda.

Debalde me fazia absurdo e ridículo: debalde mascarava as facas com pós de tijolo, e sobre o meu nariz punha um nariz postico, hediondo, cheio de verrugas sanguinolentas; debalde inventei calemburcos as multidões das aldeias, e encibia de si a miseria bochechuda, para fingir um inchado curioso repentinamente por um sopapo sonoro! Em vao tratá de conquistar as gracas dos tres lobos, que me rugiam ás pernas, deixando na agua da lavagem os maiores pedacos de pão negro; em vão remeti com o espelho, por entre as grades, os molhos de paina, em que dormia o urso de Siberia; e em vão, finalmente, embolsava com uma fingida satisfacção os trinta francos do meu ordenamento! Cunegonda da paciencia que achava a miseria conduta naturalissimo, e não me testemunhou nenhum reconhecimento. Não me causava umavezes pela falha, outros pelo olhar, de lhe dizer quanto o amor ia crescento, e quanto era desesperada a minha dor pela proximidade cruel d'uma felicidade jamais gozada.

Olhava para mim como quem desafia, ou ri-me na cara, encolhendo desdenhosamente os homens.

Tudo me levava a crer que io morrer de pesar. Enmagrecia os olhos vistos, e elle tinha a crudelidade de me dizer:

— Tanto melhor; quanto mais magro, mais ridiculo.

E, muitas vezes, vinham-me as lagrimas nos olhos, quando mostrava aos espectadores o meu riso de fantoch.

Uma tarde, porém, disse-me Cunegonda de repente:

— Esquita!

— Ah! finalmente trattavame por tu!

— Escuta! Tu dizes que me amas, mas eu não estou certo d'isso. Se tiveres a coragem de passar uma noite, só, ás escuras, na jaula do urso, juro-te, pela minha palavra de honra, que no dia seguinte, seré tuo amante!

Acabei! Estava na jaula! de noite! com o urso longe d'elle quanto era possível, de pé, contra as grades, aferrando-me a elas com as mãos. Disse-me levem se não julgo ter tanta coragem como outro qualquer; mas um urso enorme da Siberia, devorador de carnes crusas, não é um viselio tem juizilador.

Vinham-me à memoria as lugubres historias de viajantes devorados nos desertos dos gelos. Arrependi-me de ter lido Julio Verne. E o urso branco de Cunegonda, sabia eu perfeitamente, era sobrevulto feroz. Nunca elle, apesar de corajosa, se atreveu a entrar na jaula do territorial animal. Elle tinha feito em postas o pai da domadora, e com um simples gesto indiferente partiu o braço do antigo palhaço!

Os meus joelhos tremiam e um seor frio escorria-me pelas faces. In talvez sentir as enormes patas do monstro cahirem com o seu peso sobre os meus homens, o meu pescoco estalaria e sangraria entre as maxillas, como em um torno medonho, e eu abalaria, gemendo, no terrivel aporto pendido do seu braço!

Ao principio não fôr mal as coisas. Nem um incidente. O urso deveria estar deitado porque se não ouvia o abalo que o seu passejar agitado comunicava ás taboas da jaula; e a respiração roxa e regular permittia-me pensar que elle dormisse. Desejei-lhe os melhores sonhos proprias para prolongar o sonno. Desejei ardemente que sonhasse com as longas corridas sobre os braços icebergs, quando era livre, com as fôcas oleosas, que vinham tranquilamente respirar o ar gelado entre os galos fluctuantes, e com o paulito sol da meia-noite, que desbrava uma juz de prata na solidão i mens.

Bem desejava ate — para limitar melhor que podesse — ter ouvido o grunhido com que sua mãe o embalara, outrora, quando era pequeno!

Passaram as horas. Pouco a pouco fui-me tranquilisando. Não acordaria! E ia despontar o dia: mas o sorriso de Cunegonda me consolava de todas as angustias. A esperança de adorado recompensa encantava-me como uma aurora. Cunegonda amarrelhada! Assim m' prometera. Parecia-me que já havia deixar que lhe beijasse as suas grandes mãos, um pouco vermelhas, e os seus fartos cabellos ruivos...

De repente, senti um movimento na pala, ali, muito perto de mim. Estremeci todo dos pés á cabeça. O urso tinha-se levantado, de certo! As taboas tremiam, rangiam terrivelmente, denunciando uma approximação. Não me via, mas sabia que eu estava ali. Sem duvida farejava-me.

Senti na minha nuca um halito tão ardente, como se a porta d'uma fornalha se tivesse aberto atraz do meu pescoco.

E ouviu o respirar do monstro. Mizericordia! Quiz gritar; mas o grito ficou-me na garganta. Ali! estava perdido! As suas patas — mais levas da que eu julgava — poisaram-se sobre os meus homens.... Soltei um grito de terror!

— Tolo! — diz-me Cunegonda apertando-me mais estreitamente, — paz o urso com os lobos, e seu eu que aqui estou!

Quando a luz do alvorada penetrou na tenda, salivarmos ainda de amor na jaula nupcial....

CATOLEI MENDES.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO

Adherente, Suavizante, Invisível
PREPARADA POR VIOLET
DE BOURGOGNE ITALIANA, PARIS



A REVISTA DAS REVISTAS

O DEPÓSITO DE OIRO DO BANCO DE FRANÇA.

O STOCK d'ouro do Banco de França é o mais considerável do mundo. Só um outro depósito d'ouro se aproxima d'este notavelmente: é o do banco imperial da Russia.

Eis, segundo um especialista, o sr. Ottman Haupt, qual era no fim de outubro de 1888, a reserva em ouro dos principais bancos do mundo:

Banco de França.....	1102 milhões de fr.
— da Russia.....	964 —
— da Alemanha.....	721 —
— da Inglaterra.....	514 —
— de Nova-York.....	462 —
— dos Países-Baixos.....	263 —
— d'Austria-Hungria.....	199 —
Bancos d'emissão alemães.....	192 —
— italianos.....	149 —
Banco d'Italia.....	128 —
— da Bélgica.....	86 —
— de Portugal.....	29 —
Total en reserva.....	4.682 milhões de fr.

PHOTOGRAPHIA INSTANTÂNEA

Eis o processo agora usado para obter o desen-
volver as photographias instantâneas:
Prepara-se a quanto a solução seguinte:

Carbonato de soda..... 250 grammas
Sulfato de soda..... 60 —
Água distillada..... 1000 —

Filtra-se e juntam-se-lhe 10 partes d'hydroquinone.

Se a pose é muito rápida, junta-se ao revelador ordinário de 30 a 50 por cento do revelador se-

guinte:

Carbonato de potassa puro.. 500 grammas
Sulfato de soda..... 60 —
Água distillada..... 1000 —
Hydroquinone..... 10 —

Se a pose é excessivamente rápida, só se em-
rega este último. A imagem aparece quasi instantaneamente. Com os carbonatos a altas doses a sensi-
bilidade não tem por assim dizer limites.

A CIVILIZAÇÃO NO JAPÃO

Acaba de se publicar no Japão uma obra conten-
do os equivalentes japoneses dos principais termos
científicos das línguas francesa, alemã e inglesa.
Trinta e seis japoneses trabalharam n'este vocabu-
lario durante seis annos.

COLLEÇÕES ZOOLOGICAS.

Um naturalista alemão, sr. Fruhstorfer acabou de
percorrer a ilha de Ceylão e de obter magnificas
coleccões zoologicas. Recolheu, com os seus qua-
torze colaboradores, aproximadamente 25.000
coleopteros, 7.000 lepidopteros, 300 orthopteros,

300 libellulos e um milheiro de aranhas e myri-
pedes, nem faltar nas serpentes e nas conchas.

ERUÇÃO VOLCANICA.

Uma erupção vulcanica produziu-se recentemente
nas proximidades d'Ezzerum, a 60 Kilômetros
proximo d'esta cidade. Foi precedida de ruidos
subterrâneos extraordinários, e ocasionou a morte
de 136 pessoas.

A ESCARLATINA.

Continua a gravissima com grande intensidade a es-
carlatina em Inglaterra, tendo causado este anno
númeras victimas. Em Plymouth decidiram fe-
char biblioteca escolar, que foi considerada como
sendo um fóco d'infecção (por causa dos livros
contaminados). Desde o mes de março que teve ali
havido cento e trinta mortes.

PARIS

30, RUE MONTOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, das principais estradas de ferro, dos boulevards e das casas comerciais brasilienses e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário e sua família. É o mais encantador e preferido pelos viajantes brasilienses e portugueses, em razão da modéstia de preços e das comodidades que oferece.

LAPERMIRE.

SABÃO REAL | VIOLET | SABÃO
DE THRIDACE | Unico perfume | VELOUTINE
Bactericida p/ bacterias malas p/ a higiene da Pele e Beleza da Cabelo.

CINCO VEZES SECULAR

Há a nobreza das coisas... como há a
nobreza das raças... Certos produtos
intrometem-se na sua-inconsciente superioridade e a longa continuação dos
seus serviços. Tal é o caso do celebre
Elixir Dentríficio dos RR. PP. Benedictinos da Abadia de Soula; descoberto há cinco séculos por sabios fra-
des e a quem a moda havia muito consa-
grou o uso. Quantas pessoas preocupadas com a higiene da sua boca lhe
derem a conservação d'esse extraordinário exímio dos seus dentes, e fres-
cura das suas gengivas e a pureza do
halito.

O facto porém é que o *Elixir dentríficio dos RR. PP. Benedictinos da Abadia de Soula* tem conquistado hoje a voga a mais justificada e lhe tem valido innumerae provas da sua
constante eficacia.

Agente geral: A. Seguin, Bur-
deaux.

Preço de venda em França: *Elixir*,
2, 4, 8, 12 e 20 fr.

Preço de venda em França: *Pós*,
1,25, 2 e 3 fr.

Preço de venda em França: *Paste*,
1,25 e 2 fr.

Encontra-se em todos os perfumistas,
cabeleireiros, Pharmaceuticos,
Drogistas e retrozeiros.



OCCUPAE us vosso
repousou em trabalhos de COR-
TE E RECORTÉ de madeira.
Ornai os vosso quartos com
bonitos objectos construídos
pela vossa própria mão. *Machilus serres*,
desenhos e mais utensílios. Envia-se francó-
posto o catalogo ilustrado por 30 cent. 3, rue
da Fidélité, Paris.



BELLEZA DO ROSTO
Paris
LACT ANTEPHÉLIQUE
O LEITE ANTEPHÉLIQUE
puro ou misturado com agua, dissipa
SARDAS, TEC CRESTADA
PINTAS-RUMAS, BORBULHAS
ROSTO SARABULHENTO
E FARINHOCE
RUGAS
&
conserva a cutis lisa e clara
DANDEN & CO.



Fallencia de Forças
ANEMIA - CHLOROSE
O FERRO
BRAVAIS
Existe um expositório de tutte fornecendo
informações úteis sobre o uso da Brauas
e das suas vantagens. Ora responde a sua
informação. Lhe é dado o direito de visitar os
estabelecimentos da Brauas, que se en-
contram na Rua Fausto da Silveira, 100.
Preço da Brauas: 40 e 42. Rue St-Lazaro, Paris.

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE
Fô d'Artes
especial
PREPARADO COM BISMUTHO
Por CH. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

EXPOSITION UNIVERSELLE 1878
Médaille d'Or Croix d'Chevalier
LES PLUS HAUTS RÉCOMPENSES

AGUA DIVINA
E. COUDRAY

DITA ÁGUA DE SAÚDE
Preconizada para « tonicar » como conservando
constantemente as ófertas da pureza,
e preservando da pele e das espumas mordidas.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA de LACTEINA

Handucante p/ celebridades francesas.
GOTAS CONCENTRADAS para o sangue.
OLEOGOME para a higiene das unhas.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FÁBRICA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depósito em todas as Perfumarias, Farmácias
e Cabeleireiros da América.

VINHO DE MILLET
Chalybe Balsámico

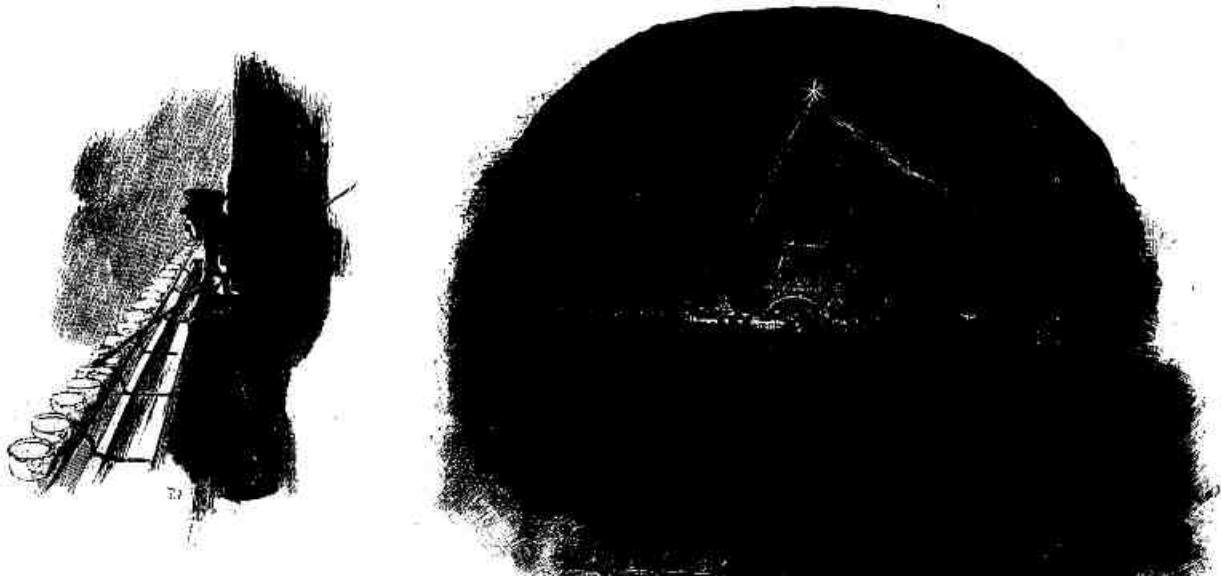
Tónico superior d'uma eficácia certa
na Anemia, Chlorose, Prostração, Im-
potência, Fevers, Bronchite crônica,
Doenças mentais e nervosas.

PREÇO 3 FRANCOS. O FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2fr. por 7fr.

PARIS 13, Rue des Francs Bourgeois, Paris

Casa De VERTUS Seurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber

ASTHMA E CATARRO
Curados com os CIGARROS ESPIC
Opressões, Toscas, Constipações, Neuralgias
Pode ser comprado em todas as Farmácias de Portugal e do Brasil. — PARIS. Vendido por gramo.
A. ESPIC, Rue St-Lazaro, 30. Muito mais saboroso entre todos os cigarros.



О НОВЫХ РЕАКТАНТНЫХ ФОРМ

A ILLUMINAÇÃO DAS TORRES, VISTA DAS ALTURAS DO SISTEMA DE

GUERLAIN DE PARIS
15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS

CHICAIN DE PARIS
15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de **Colonia Imperial**. - **Sopocatto**, sabópola de toucador. — **Creme Jacobino (Ambrasia Green)** cristalizado, para o cabelo e barba. — **Pó de Cypress** para banhar ou cultar. — **Stibord** para **Christian**. — **Pass Rosa**. — Raizilho do **Cistre**. — **Melhor perfume** para perfumar o **Hipopata a cabeça** de **Paris**. — **Imperial Russo**. — **Imperial do Brasil**, para o toucador. — **Exposicôes Russo**. — Agua de **Cistro** e agua do **Chípore** para o toucador. — **Alcoolito de Cachimbo**.

Interessante Descoberta Parisiense
da PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGBAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

Permitite-nos
francos o
Catalogo-Bijou.

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS

12 PERFUMES
DECICIOSOS
Sob forma de Lapin
e Pastilhas

Basta safrigar levemente os objectos para
perfumá-los instantaneamente.

LISTA DAS PERFUMERIAS CONCRETOS I

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB	Euguer
JASMIN D'ESPAGNE.	OPOONAX	id.
HÉLIOTROPE BLANC.	CAROLINE	id.
LILAS DE MAI.	MIGHARDISE	id.
FOIN COUPÉ.	IMPERATRICE	id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY	id.

DERCONFIE-SE DAS FALAFICIAÇÕES

A Fábrica Portuguesa das Indústrias de Perfumes e C. fabrica

T. JONES
23, Boul^{de} des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Especialidades
T. JONES

Fluide Latif
Producido sem igual para anestesiar
e preservar de polos quaisquer irritação.

Extractos compuestos

IMPERIAL ROUSSE

EGG BOUQUET

VICTORIA

CAPRICE

CYPRE

ROUE

PARADISO

W. ROSE
etc.

T. JONES
23, Boul^{de} des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumeria Inglesa
EXTRA-FINA

Extractos compuestos

SOMETHING NEW

NEW DOWN RAY

STEPHANOIS

DOPONAK

VIOLETTA

AIDA

JUBILEE

La Juvenile.
Po sem resultados mistura chímica para os
cuidados do rosto adherente e invisivel.

Lily Wash

Puríssimo embalazamento brinqueto a Pastópoco de Homens

Iatif Cream
Conservar-se perfeitamente sob todas as climas.
Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones
Técnica e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samohti
Decifraria, anti-quebra, Brinqueto as dentes, Ingrediente a cura e o barro.

FERRO QUEVENNE

Último aprovado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, para : Anemia, Febreza do Sanguis, Fluxo branco, Dardos. Em 15 de Setembro da UNIÃO DOS FABRICANTES - 15 - rue des Beaux-Arts, PARIS e Ph. Gide 50 ANOS de SUCESSO.

A LA ROSEE DU PARADIS
 100 medallhas
 nas Exposições **OGER** fras 44
 CABA FUNDADA EM 1860.
Perfumaria Medicio
 INVENÇÃO NOVA
Extrado, Água, Pó, Sabonete, Gleo
Sachet, Brillantina, Hectis.
 C. Boul de Strasbourg, PARIS. Fabricante de Vanas (seus).

**DIGESTÕES
DIFÍCILS** **DOENÇAS do ESTOMAGO** **GASTRALGIA
ANEMIA**
Dyspepsia **ELIXIR GREZ** **Vomitos**
Perda **TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPBINA** **Diarrhea**
de Appetito **ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS - Medalha de Ouro e Diploma de Honra** **chronica**
PARIS - GREZ, 36, Rue La Bruyère, e em todas as Pharmacies.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE contra
dysenteria, diarrhoea, gastritis, acidity.

GRAOS de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE para nevralgias, febres, espasmos, etc. - GENEVIVE, AA. - Bromo-quinina.

LA CHARMERESSE

PÓ REFRIGERANTE, o mais puro das pós do bálsamo. A composição absolutamente nova no ponto de vista da higiene, e sua fórmula, consolidada e em perfeita aderência, fazem "recomendar" o seu uso para as pellizes e molas. Balsamico e polvo, flanqueado os roupas, da sua fresca e suave fragrância, e deixa de causar o que é mais pernicioso entre os imperfeitos da natureza, rugas, vermelhidão, etc.) Para o bálsamo da barba, salve ou exfoliante, unha e cuticula a CHARMEUSE CONCENTRADA e sedutora, em estojo, milho aveludado: GRANDE NOVIDADE! DUBSER, levantador, Rue J.-J. Rousseau, n.º 1, Paris... Em Lisboa: GODFROY, Rua Garrett, 8; DEFFAYET, Rue Garrett, 7; ESTACIO & Cia, Praça de D. Pedro (Rossio), nos primeiros dias de outubro.

Le Gérant : P. MOUILLET

PARIS. — IMPRÉSSE P. MOUILLOT. 13. QUAI VOLTAIRE.